

ARTIGO ORIGINAL

DOI: <https://dx.doi.org/10.12662/1809-5771RI.129.6032.p28-31.2025>

MITIGANDO A DESINFORMAÇÃO: UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE A CONFIABILIDADE DAS INFORMAÇÕES SOBRE SAÚDE EM PLATAFORMAS DE REDES SOCIAIS

RESUMO

Este estudo investigou a disseminação de notícias falsas relacionadas à saúde nas redes sociais, com ênfase em seu impacto informativo e social. Foram analisadas postagens no TikTok, Instagram e X (antigo Twitter), por meio de métodos qualitativos e quantitativos, visando classificar os conteúdos como verídicos ou falsos. Foram selecionados 300 vídeos a partir da hashtag #saúde, com base em critérios rigorosos de inclusão e exclusão. Os resultados revelaram que, no TikTok, 54% das postagens continham informações falsas, com destaque para temas como alimentação saudável, suplementação alimentar e uso de plantas medicinais. No X, 75% dos conteúdos foram classificados como verídicos, e no Instagram, 64%. Apesar da presença significativa de conteúdos confiáveis, a proporção relevante de desinformação evidencia a necessidade de estratégias eficazes para combatê-la. O estudo ressalta a importância da educação digital e do pensamento crítico como ferramentas essenciais para reduzir os impactos negativos das fake news sobre saúde, promovendo o acesso à informação confiável e de qualidade.

Palavras-chave: redes sociais; fake news; saúde.

1 INTRODUÇÃO

Segundo Allcott e Gentzkow (2017), as chamadas “fake news” referem-se a notícias que são intencionalmente falsas e verificáveis, tendo o potencial de enganar o usuário a quem se dirige. O contexto atual demonstra que cada vez menos o indivíduo tem a preocupação em checar informações que são disseminadas, sendo por vezes tidas como verdades e assim, podem ser o ponto chave para diversos fins, seja a desconfiança acerca de alguma movimentação de saúde sobre a população como vacinas, visitas primárias pelo SUS ou coleta de dados epidemiológicos, bem como, em contrapartida a essa conjuntura, a aceitação como verdade qualquer informação sem a revisão por meio de uma fonte fiel.

Envolvendo aspectos da saúde da população, estão sendo constantemente publicados em redes sociais, como o Instagram, TikTok

Ana Vitória Piauilino Costa

Estudante de Graduação do Curso de Biomedicina
do Centro Universitário Christus - UNICHRISTUS

<https://orcid.org/0009-0005-6625-1253>

vitpcosta@gmail.com

Valdir do Couto Dinelly Neto

Estudante de Graduação do Curso de Biomedicina
do Centro Universitário Christus - UNICHRISTUS

<https://orcid.org/0009-0000-5421-1469>

valdirdinelly@hotmail.com

Cauê Veras Carvalho

Estudante de Graduação do Curso de Biomedicina
do Centro Universitário Christus - UNICHRISTUS

<https://orcid.org/0009-0007-5663-0254>

verascaue@gmail.com

Natália Vasconcelos de Souza

Doutora em Biotecnologia - RENORBIO pela
Universidade Estadual do Ceará e docente do curso
de Biomedicina do Centro Universitário Christus –
UNICHRISTUS

<https://orcid.org/0000-0002-6082-0743>

nataliavsouza@gmail.com

Dara da Silva Mesquita

Mestre em Medicina Translacional pela Universidade
Federal do Ceará e docente do curso de Biomedici-
na do Centro Universitário Christus - UNICHRISTUS

<https://orcid.org/0000-0002-8186-8375>

dara.mesquita@unichristus.edu.br

Autor correspondente:

Dara da Silva Mesquita

dara.mesquita@unichristus.edu.br

Submetido em: 09/09/2025

Aprovado em: 09/09/2025

Como citar este artigo:

COSTA, Ana Vitória Piauilino; DINELLY NETO, Valdir do Couto; CARVALHO, Cauê Veras; SOUZA, Natália Vasconcelos de; MESQUITA, Dara da Silva. Mitigando a desinformação: uma investigação sobre a confiabilidade das informações sobre saúde em plataformas de redes sociais. **Revista Interagir**, Fortaleza, v. 21, n. 129, p. 28-31, 2025.

e X (anteriormente Twitter), vídeos ou imagens com excessivas informações duvidosas e errôneos direcionamentos para o leitor, sem nada que comprove junto ao conteúdo abordado.

Assim, vê-se a necessidade de analisar e estudar esse fato em nossa sociedade, sendo fundamental a educação das redes sociais para com as bases de conhecimento. Logo, tem-se no presente estudo o objetivo de mitigar a desinformação sobre a confiabilidade das informações sobre saúde disponibilizadas nas redes sociais selecionadas, buscando compreender suas origens, mecanismos de disseminação e impactos na sociedade.

2 METODOLOGIA

Este estudo utilizou uma abordagem empírica, combinando métodos qualitativos e quantitativos, para investigar a disseminação de fake news relacionadas à saúde nas redes sociais. Inicialmente, foi realizada uma revisão sistemática da literatura para identificar as principais metodologias empregadas em pesquisas semelhantes e os temas mais recorrentes nas plataformas digitais. As principais redes sociais utilizadas no Brasil — TikTok, Instagram e X (anteriormente Twitter) — foram selecionadas para a pesquisa.

Foi conduzida uma análise quantitativa das postagens para coletar dados sobre o número de compartilhamentos, curtidas e comentários. Paralelamente, fo-

ram realizadas análises qualitativas para classificar o conteúdo como fake news ou informação verídica.

Para a coleta de dados, utilizou-se o filtro da hashtag #saúde, aplicando critérios de seleção rigorosos. Foram selecionados 100 vídeos de cada plataforma, totalizando uma amostra de 300 vídeos, com base no número de visualizações, compartilhamentos e curtidas.

Os critérios de inclusão foram: conteúdos relacionados à área da saúde, que fornecessem informações e instruções aos espectadores, publicados entre 2022 e 2023. Os critérios de exclusão incluíram: duplicidade de conteúdos, ausência de áudio e publicações não relacionadas ao tema da saúde. Os dados foram tabulados e organizados no Excel de forma a evidenciar os resultados observados

3 RESULTADOS

A análise das redes sociais demonstrou uma presença significativa de fake news. No TikTok, observou-se que, entre os vídeos coletados, 54% das postagens analisadas continham informações falsas ou enganosas, com destaque para temas como alimentação saudável, suplementação alimentar e o uso de plantas com fins terapêuticos. Outros 18% dos vídeos não se enquadram nos critérios da pesquisa, conforme demonstrado na Tabela 1.

Especificamente, no TikTok, as fakes news sobre alimen-

tação saudável representaram 16%, enquanto os vídeos relacionados ao uso de plantas medicinais corresponderam a 13%. Outras categorias, como suplementação alimentar e medicamentos em geral, somaram 14% do total. Em todas as categorias, alguns vídeos eram de autoria de indivíduos que se identificavam como profissionais de saúde, enquanto outros não permitiam a identificação da fonte. No entanto, nenhum dos conteúdos analisados apresentava fundamentação científica.

No X (anteriormente Twitter), 75% dos vídeos continham informações verídicas. Esse resultado é considerado encorajador, pois demonstra que, apesar da preocupação generalizada com a disseminação de fake news, a maioria dos conteúdos avaliados na plataforma apresenta informações corretas e úteis aos usuários.

No Instagram, 64% dos vídeos foram classificados como verídicos, enquanto 14% não se encaixavam nos critérios da pesquisa, pois não abordavam assuntos relacionados à saúde. As fake news presentes na plataforma abordavam principalmente os temas alimentação saudável (25%), suplementação e emagrecimento (25%). Outras categorias, como enxaqueca, hormônios, cirurgia bariátrica, cardiologia, hipotireoidismo, hipertensão, saúde domiciliar e microbiologia, representaram os 50% restantes.

4 DISCUSSÃO

► Tabela 1 – Número de vídeos coletados em cada rede social, classificados como: verídico, fake news e não se enquadram na pesquisa.

REDE SOCIAL	VERÍDICO	FAKE NEWS	NÃO SE ENQUADRA NA PESQUISA	TOTAL DE VÍDEOS
Instagram	64	22	14	100
TikTok	28	54	18	100
X	75	2	23	100

Fonte: Elaborado pelos próprios autores.

Os resultados deste estudo demonstram uma prevalência significativa de desinformação em saúde nas plataformas analisadas, com variações importantes entre as diferentes redes sociais. A plataforma TikTok destacou-se como a principal disseminadora de informações falsas ou enganosas, com 54% dos vídeos analisados contendo conteúdo não verificado, seguida pelo Instagram (22%) e, em menor proporção, pelo X (Twitter) (2%).

Esses achados corroboram a literatura existente sobre desinformação digital, que aponta para a influência das características específicas de cada plataforma na disseminação de fake news (Allcott & Gentzkow, 2017). A predominância de conteúdos enganosos no TikTok pode ser atribuída a três fatores principais: o algoritmo de recomendação que prioriza engajamento em detrimento da qualidade da informação (Zhou et al., 2023); o formato de vídeos curtos que dificulta a apresentação de informações complexas e contextualizadas; e a presença significativa de criadores de conteúdo sem formação especializada em saúde (Swire-Thompson et al., 2020).

Os temas mais frequentes nas fake news identificadas - ali-

mentação saudável, suplementação alimentar e uso de plantas medicinais - refletem uma tendência global de busca por soluções rápidas e “naturais” para questões de saúde (Suarez-Lledo & Alvarez-Galvez, 2021). Essa constatação é particularmente preocupante, pois está alinhada com os achados de Castellini et al. (2023), que demonstra uma maior suscetibilidade a informações falsas entre indivíduos em processo de mudança de estilo de vida, o que os torna mais suscetíveis a comportamentos pouco saudáveis (Ramachandran et al., 2018; Wang et al., 2019).

A análise comparativa entre as plataformas revelou diferenças marcantes na qualidade das informações. O X (Twitter) apresentou o menor índice de desinformação (2%), fato que pode ser explicado por: maior participação de profissionais de saúde e especialistas na plataforma; cultura de verificação comunitária (fact-checking); e formato textual que facilita a citação de fontes confiáveis (Pennycook; Rand, 2021).

As implicações desses achados para a saúde pública são significativas. A exposição a informações falsas sobre saúde está associada a diversos riscos, incluindo: adoção de tratamentos

ineficazes ou perigosos; aumento da automedicação irracional; e a erosão da confiança em instituições de saúde (Matoso & Saraiva, 2023). Esses efeitos foram particularmente evidentes durante a pandemia de COVID-19, quando a disseminação de desinformação atingiu níveis alarmantes (Cinelli et al., 2020), além de ter contribuído para o aumento da ansiedade, do estresse e da prática de automedicação nociva (Matoso; Saraiva, 2023).

Este estudo apresenta algumas limitações que devem ser consideradas: amostra restrita a três plataformas; período de coleta limitado; e critérios de classificação que podem não capturar toda a complexidade da desinformação. Sugere-se que pesquisas futuras ampliem a análise para outras plataformas; incluam uma dimensão temporal mais extensa; e desenvolvam protocolos mais refinados para classificação de conteúdo.

As implicações práticas destes achados apontam para a necessidade de: maior regulação das plataformas digitais; desenvolvimento de programas de alfabetização midiática em saúde; e engajamento mais ativo de profissionais de saúde nos espaços digitais. Essas medidas são essen-

ciais para mitigar os efeitos negativos da desinformação em saúde na sociedade.

5 CONCLUSÃO

Embora a maioria dos vídeos analisados contenha informações confiáveis, a presença significativa de fake news nas redes sociais é preocupante. A desinformação sobre saúde pode levar a decisões prejudiciais e comprometer o acesso a tratamentos adequados. Os dados reforçam a necessidade de ações coordenadas entre ciência, saúde e plataformas digitais para garantir que a população tenha acesso a informações corretas e seguras.

REFERÊNCIA

- ALCOTT, H.; GENTZKOW, M. Mídias sociais e notícias falsas nas eleições de 2016. *Journal of Economic Perspectives*, v. 31, n. 2, p. 211–236, 2017. DOI: 10.1257/jep.31.2.211.
- CASTELLINI, G.; SAVARESE, M.; GRAFFIGNA, G. Online fake news about food: self-evaluation, social influence, and the stages of change moderation. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, v. 18, n. 6, p. 2934, 2021. DOI: 10.3390/ijerph18062934.
- CINELLI, M. et al. The COVID-19 social media infodemic. *Scientific Reports*, v. 10, n. 1, p. 1–10, 2020. DOI: 10.1038/s41598-020-73510-5.
- CUNHA, W. T. Fake news: as consequências negativas para a saúde da população. *Revista Baiana de Saúde Pública*, v. 44, n. 1, p. 81–102, 31 mar. 2020.
- MAIEROVITCH, C. Fake news: prevenir-se e agir. In: FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Gerência Regional de Brasília. Fake news e saúde. Brasília: Fiocruz Brasília, 2020. p. 32–39.
- MATOSO, L. M. L.; SARAIVA, A. M. de M. Automedicação durante a pandemia da COVID-19 e sua relação com as redes sociais. *Uniciências*, v. 27, n. 1, p. 31–37, 2023.
- NASCIMENTO, M. V. V.; COSTA, T. L. O fenômeno das fake news: problemáticas e possibilidade. [S.l.: s.n.], [s.d.].
- PENNYCOOK, G.; RAND, D. G. The psychology of fake news. *Trends in Cognitive Sciences*, 2021.
- RAMACHANDRAN, D. et al. Food trends and popular nutrition advice online – implications for public health. *Online Journal of Public Health Informatics*, v. 10, n. 2, p. e213, 2018. DOI: 10.5210/ojphi.v10i2.9306.
- SUAREZ-LLEDO, V.; ALVAREZ-GALVEZ, J. Prevalence of health misinformation on social media. *Journal of Medical Internet Research*, 2021.
- WANG, Y. et al. Systematic literature review on the spread of health-related misinformation on social media. *Social Science & Medicine*, v. 240, p. 112552, 2019. DOI: 10.1016/j.socscimed.2019.112552.